

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**“EMANCIPAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA MULHER” PROPOSITURAS DA  
ASSOCIAÇÃO COOPERATIVA FEMININA COOPJUTA  
ASCOOF/COOPJUTA 1985-1993**

Andreza Barbosa Marques<sup>1</sup>  
Mary Tânia dos Santos Carvalho<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo objetivou adentrar na história da Cooperativa Mista dos Julticultores de Parintins no momento em que se articula e se cria uma Cooperativa Feminina (ASCOOF), para identificar a significância histórica para aquelas nesse período. Tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, coleta de dados e entrevista semiestruturada seguida da análise de foto da época. A proposta parte da história local do município de Parintins cujas dimensões se inserem na história regional do Estado do Amazonas, visto que a ASCOOF foi criada no município de Parintins na metade dos anos 80. Mostramos essa história dialogando com as narrativas de mulheres que trabalhavam naquele local à época, nesse sentido, nossos resultados trazem os registros desse momento, desde o processo de criação até o declínio da mesma, visibilidade o trabalho daquelas que se encontram dentro da história da própria Coopjuta. Mostramos ainda, além da renda, do subsídio econômico, a capacidade artística de mulheres em transformar a fibra da juta em produtos artesanais que eram vendidos no município, nas regiões vizinhas e para o mundo, mas que por vários motivos chega ao fim.

**Palavras- Chave:** Fotografias, Cooperativas, História de mulheres, trabalho artesanal, significância histórica.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas. Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. [Andrezabmarques1992@gmail.com](mailto:Andrezabmarques1992@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação em ciência e matemática, Rede Amazônica de Educação em Ciência e Matemática REAMEC/ UFMT-Polo UEA. Professora do curso de Histórias. Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/ CESP. [Marytania-sc@hotmail.com](mailto:Marytania-sc@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

Neste artigo discutimos a inserção do trabalho feminino por meio de uma organização cooperativa específica para mulheres no interior da Cooperativa Mista dos Julticultores de Parintins. O propósito do trabalho é pesquisar dentro da história da Cooperativa Mista dos Julticultores de Parintins o momento em que se articula e se cria uma Cooperativa Feminina (ASCOOF), buscamos identificar qual a significância histórica dessa cooperativa para aquelas mulheres no período de 1985 a 1993.

Investigamos como se deu o processo de construção dessa cooperativa, verificando em que medida os produtos e bens ali gerados demarcaram uma forma de emancipação, valorização e inserção do trabalho da mulher, buscamos conhecer a forma de trabalho que visava promover emancipação e emponderamento das mulheres durante esse período vivenciado na cooperativa a partir do relato daquelas. E dessa forma analisamos o impacto do fechamento dessa cooperativa na vida dessas mulheres e para município de Parintins.

A metodologia adotada foi à pesquisa bibliográfica, coleta de dados, entrevista semiestruturada e análise documental a partir de fotografias da época e dos relatos das colaboradoras. Segundo Severino (2007), tem-se como fonte documentos, não apenas documento impresso, mas todos os tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Tendo a proposta conhecer um pouco da história local do município de Parintins cujas dimensões se inserem na história regional do Estado do Amazonas. Buscamos trabalhar numa perspectiva de história das mulheres com o objetivo de analisar a história da Associação Cooperativa Feminina Coopjuta-ASCOOF em Parintins, a partir da percepção das mulheres sobre sua inserção em uma cooperativa voltada ao trabalho feminino, tendo o seu vínculo atrelado a Cooperativa Mista do Julticultores de Parintins (COOPJUTA).

O levantamento bibliográfico proporcionou conhecer um pouco mais sobre o tema, antes de ir a campo fazendo assim uma análise qualitativa das referências a serem utilizadas, considerando através de leituras sobre as variáveis referentes o processo produtivo da juta, o desenvolvimento desta cultura no Amazonas, a presença destas mulheres neste tipo de trabalho, ate chegar à criação da ASCOOF. Após esta etapa, foram realizada pesquisa de cunho exploratório como entrevistas, roteiro de perguntas semiestruturadas, para poder coletar elementos que iriam esclarecer conceitos e ideias com vistas a formular uma problemática no entorno do tema.

O presente trabalho contém três seções: a primeira é “O trabalho de mulheres na COOPJUTA à criação da ASCOOF” que vem trazer um pouco da história da cooperativa Coopjuta e do trabalho das mulheres dentro e fora da cooperativa, trazendo à divisão sexual e social do trabalho. A criação COOPJUTA em 1974, uma cooperativa que trabalhava com produtos regionais, tendo o modelo de trabalho que conta com os princípios da solidariedade, neste ambiente as mulheres foram inseridas e trabalhavam para o desenvolvimento da coletividade. Traz ainda, a articulação para a criação da Associação Cooperativa Feminina Coopjuta, que passou a funcionar a partir de 1985 tendo como objetivo oferecer trabalho somente para mulheres e filhas do cooperado da Coopjuta, mas que no decorrer de seu funcionamento outras mulheres sem vínculo com os cooperados também passaram a trabalhar na mesma.

A segunda seção mostra: “O trabalho das mulheres na ASCOOF: nos relatos daquelas,” esta seção vai tratar primeiramente da Cooperativa e sua definição conforme a lei nº 5.764/71, das lutas e dos movimentos feminista e inserção das mulheres no mercado de trabalho e em Parintins, principalmente na Coopjuta, a criação e o início das atividades da ASCOOF, também vai falar da ajuda do Canadá por meio do Fundo Canadá para Iniciativas Locais (FCIL), a proposta de emancipação e valorização da ASCOOF no município de Parintins e a sua contribuição para a inclusão feminina no mercado de trabalho local.

A terceira seção demarca o título do trabalho, “A significância histórica das vivências das trabalhadoras da ASCOOF.” Surgiu no decorrer da pesquisa a possibilidade de trazer um exemplo específico de significância histórica para o texto, pela necessidade de incluir as relações contemporâneas estabelecidas por uma colaboradora a partir do trabalho vivenciado na ASCOOF. A mesma além de relatar suas vivências solicitou ter uma foto sua incluída no trabalho mostrando os trabalhos artesanais que pretende produzir hoje. Portanto, a seção traz a história das mulheres trabalhadoras do referido local e as suas contribuições significativas do trabalho artesanal desenvolvido por elas. Mostrando que ao longo das décadas a história das mulheres foi de luta por seus direitos, invisibilidades, e rupturas. A criação da ASCOOF notoriamente foi à capacidade feminina de enfrentar os compromissos sociais e econômicos demonstrando um poder de intervenção frente ao trabalho com homens e para si mesma. Por fim, trata do trabalho destas mulheres de forma mais detalhada até o fechamento da ASCOOF, e o impacto desse fechamento na vida destas mulheres e na sociedade parintinense e, do projeto encabeçado por dona Maria da Graça de Lima

Souza que, pretende criar uma nova cooperativa feminina voltada ao trabalho com artesanato nos dias atuais.

Contudo, partimos do pressuposto que, a ASCOOF teve fundamental importância para o município, nesse sentido fazer um registro desse momento é conhecer sua significância histórica a partir do seu processo de criação até o declínio da mesma é dar visibilidade ao trabalho daquelas que se encontraram dentro da história da própria Coopjuta, mostrando um lado da história do município que se encontra escondidos bem no centro da cidade, num prédio que atualmente tem varias finalidades, mas que, no período do cultivo maciço da juta teve uma grande contribuição para a economia do município e das regiões vizinhas.

## 1. DO TRABALHO DE MULHERES NA COOPJUTA À CRIAÇÃO DA ASCOOF

*"Quatro mulheres e um homem para realizar a tarefa de selecionar dos fios:"*

*(CUNHA, 2017)<sup>3</sup>*

As mulheres no Amazonas, assim como em diversas regiões brasileiras passaram por um processo de onde lhe foi imposto uma série de regras, condutas morais e um modelo de mulher submissa e inferiorizada e uma sociedade que coloca o homem sempre superior, levando as mulheres a lutarem pelo seu espaço e reconhecimento.

No cultivo e no beneficiamento da juta não foi diferente. Em Parintins nos anos 70 e 80, reconhecida como uma região onde havia a maior produção da fibra de juta em todo Amazonas. Neste processo envolvia famílias inteiras, mulheres e criança também participavam do trabalho. Na cidade de Parintins com o advento da juta as mulheres passaram a adentrar nas fábricas e cooperativas de beneficiamento do produto, isso se dava para garantia de renda e melhores condições de vida para toda a família.

Desta forma, pode-se perceber que as mulheres tanto no campo quanto na cidade foram fundamentais na produção familiar, desde o cultivo da juta até o seu beneficiamento. Como nos fala Torres (2012):

O trabalho para as mulheres é um fator de reconhecimento delas por parte da comunidade, é uma espécie de “troféu” que elas recebem, embora sejam vistas como coadjuvante do marido. O aspecto social do trabalho das mulheres rurais na Amazônia sustenta-se numa ética de partilha, solidariedade e relações com a natureza que prescindem das determinações derivadas das grandezas socialmente estabelecidas, quer seja no âmbito do lucro, e da renda da terra, quer seja no aspecto do salário ou de outros tipos de troca econômica. (TORRES, 2012, p.199-200).

Na sociedade capitalista em que vivemos o modo de produção reproduz um processo de divisão de trabalho, que reflete diretamente no contexto das famílias, reproduzindo historicamente a divisão sexual e social do trabalho, o que é trabalho de homem e seus espaços sociais é diferente do espaço do trabalho da mulher, isto vem desde os primórdios.

E através dessa mesma sociedade capitalista o cultivo da juta foi conduzido na região de Parintins. Pois, houve a criação de duas grandes empresas e cooperativas, uma delas é a Cooperativa Mista dos Julticultores de Parintins (Coopjuta) que contou com a

---

<sup>3</sup> Trecho tirado da entrevista da senhora Rita Cunha Albuquerque realizada no dia 11 de setembro de 2017.

presença feminina em trabalho específico seguindo a lógica patriarcal de divisão de trabalho entre “leve” e “pesado”, trabalho feminino e masculino.

A Coopjuta foi uma cooperativa bem estruturada, que gerou muito desenvolvimento social e urbano em toda Parintins, transformando as relações sociais gerando postos de trabalho para as mulheres tanto ribeirinhas quanto urbanas que estivessem dispostas a adentrar nessa empreitada de trabalho. Foi criada pelo senhor José Medeiros da Gama em 1974, tendo como objetivo torna-la uma cooperativa que trabalhasse com produtos regionais, este modelo de trabalho conta com os princípios da solidariedade, já que é constituído por indivíduos que se associam buscando a sua valorização e, de seus produtos, neste ambiente as mulheres foram inseridas e trabalharam para o desenvolvimento da coletividade.

A cooperativa teve sua primeira sede no sindicato dos patronatos, passando a ter o seu local próprio a partir do leilão da Cooperativa Agrícola de Parintins que também trabalhava com juta e entrou em decadência, tendo seu prédio arrematado pela atual Cooperativa Mista dos Julticultores de Parintins<sup>4</sup>.



Figura 1: Reforma da Cooperativa dos Julticultores de Parintins

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo Cooperativo dos Julticultores de Parintins

Acesso: 17 de julho de 2017

---

<sup>4</sup> Enéias Albuquerque Farias, 73 anos, foi o 3º presidente da Cooperativa Mistas do Julticultores de Parintins em sua gestão foi criada Associação Cooperativa Feminina Coopjuta. Entrevista 2017. Ele resposta ao seguinte questionamento: Fale um pouco sobre a cooperativa.

A figura acima, retratada na fotografia é a reconstrução do prédio logo após ser rematado no leilão pela Coopjuta e pelos associados, para criação de sua sede no município de Parintins. Moyses (2011) afirma que

A fotografia é um documento que ajuda a contar a história a partir da presentificação de um momento visual vivido no passado. Ela familiariza um lugar, um instante a alguém que não esteve ali, naquela época. O recorte fotográfico atualiza um momento do passado (um recorte apenas) a cada novo olhar. Assim, aquele período não fica somente no passado, se torna eterno. (MOYSES, 2011, p. 3)

A fotografia é um documento, utilizado como instrumento para contar história, mostrando, familiarizando o lugar para registra os momentos, para que não se tornem somente parte de um passado esquecido. No caso da imagem fotográfica acima, embora mostre um prédio em reforma, para aqueles que o arremataram em leilão tem uma significância histórica, de um acontecimento que demarca o auge das atividades daquele grupo de trabalhadores. Por meio desta almejamos transportar essa importância para o presente para que detenha conhecimento acerca de sua existência. Isto porque, segundo Chaves “a História é sempre uma interpretação do presente, pois o interesse no passado é contextualizar e compreender o presente através dos vestígios e relatos do passado” (CHAVES, 2006, p. 13).

Apoiando-nos no enunciado de Chaves sobre ‘contextualizar’ e ‘compreender o presente’ buscamos por meio das fotografias existentes na cooperativa Coopjuta, conhecer sua história durante e após o auge de sua produção que, contaram com quadro técnico que fazia visita periodicamente às comunidades, com três armazéns de recebimento de juta, nos municípios de Urucará, Barreirinha, Nhamundá. Além de duas balsas, tratores e barcos que trabalhava para o transporte dos produtos. A juta recebida na cooperativa vinha da zona rural de Parintins e das regiões vizinhas e tinha o destino as fabricas de tecelagem<sup>5</sup>

Para o seu funcionamento além de contar com uma estrutura física ela também contou com a mão de obra feminina que passou a ser necessária para determinadas atividades que na época era essencialmente feita por mulheres. Nestes pequenos fragmentos ditos em entrevista, vamos encontrando a demonstração da lógica patriarcal

---

<sup>5</sup> Eneias Albuquerque Farias, 73 anos, entrevista 2017 em resposta à seguinte pergunta: Como era a estrutura produtiva dentro e fora da cooperativa?

de divisão de trabalho masculino e feminino que se instalou na cooperativa. Como nos fala Silva (2014) que a divisão do trabalho não é resultado biológico, mas uma construção social.

Precisamos ter em mente que o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um destino biológico, como historicamente tentou-se supor, mas sim oriundo de construções sociais. Portanto, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica, que se concretiza nas relações sociais de sexo. Estas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela através da divisão social do trabalho entre os sexos, denominada de divisão sexual do trabalho. (SILVA, 2014, p.28.).

Através dessa divisão de trabalho, a força de trabalho das mulheres foi inserida no ambiente da cooperativa, muitas delas passaram a exercer atividades específicas diretamente ligadas a juta, dentro deste local de trabalho existiam mulheres assalariadas e mulheres que eram esposa e filhas de associado que ganhava através do marido ou pai. A figura abaixo revela um desses momentos do trabalho feminino no interior daquela cooperativa. Cujas denominação dada por Enéas Farias (entrevistado) é, “determinadas atividades.” Dentro das determinadas atividades estavam o trabalho de: abertura dos fardos, limpeza da juta, secagem da juta e outros.



Figura 2: armazém da Coopjuta  
Fotografia: Autoria e data desconhecidas  
Fonte: Acervo Cooperativo dos Julticultores de Parintins  
Acesso: 17de julho de 2017

A fotografia acima, além de registrar o momento em que as mulheres estão fazendo a classificação dos fios da juta, ela também trás implícito que, para fazer esta seleção precisava de quatro mulheres e um homem para realizar a tarefa de selecionar os tipos da fibra. O homem tinha a tarefa de fazer o trabalho dito “pesado” e a mulher o trabalho considerado “leve”. Como podemos observar, todo o trabalho era realizado dentro da lógica patriarcal a partir do uso dos termos trabalho leve e pesado. Segundo Torres (2005):

Não se pode negar a importância da cultura do patriarcado na leitura das sociedades historicamente travessada pelo corte de gênero, considerando-se que foi a partir das lentes críticas da dominação patrimonialista que as mulheres deram o grito da liberdade e emancipação em aproximadamente três séculos de luta. Mas é preciso admitir que o conceito de relação de gênero é mais abrangente e, mais adequado para dar conta da complexidade que envolve ambos os sexos e as relações que se estabelece no tecido social. (TORRES 2005, p.25)

A cultura do patriarcado continua presente nos dias atuais, mas as mulheres vêm ao longo dos anos se destacando nas lutas por direito de igualdade, aonde o conceito de relação de gênero cada vez mais vem sendo estudado para dar conta à complexidade que envolve ambos os sexos e as suas relações sociais. Como observamos na imagem as mulheres tinham dentro da cooperativa seu papel relevante, da mesma maneira que os homens desenvolvendo trabalho, notando a predominância da mão de obra feminina, deixando claro que não era menos importante que o trabalho masculino.

Mas, antes da classificação dos fios da juta dentro da Coopjuta. A juta passava por uma série de procedimento desde o plantio até a colheita, tornando a presença feminina fundamental, direta ou indiretamente. Quando elas não estavam ajudando no plantio, elas estavam em casa cuidando dos filhos e da alimentação da família, mas de toda forma elas participavam do processo do cultivo da juta. Sobre esse aspectos Silva (2013) pontua,

Neste processo produtivo estão inseridos filhos, mulheres, homens, idosos, todos da família participam direta ou indiretamente. As mulheres trabalham nas águas assim como os homens, diariamente, tendo a rotina dos trabalhos domésticos divididos com filhas menores. (SILVA, 2013, p.4)

De acordo com Soares (2015), a colheita das fibras da juta ocorre no período de janeiro a maio, depois de colhida homens e mulheres, mergulhadas a juta na água, para

posteriormente começar o processo de desfibramento, que consiste na separação da casca e das cutículas das fibras, restando somente à fibra.

Após o desfibramento começa o processo de secagem que muitas vezes era feito dentro da Coopjuta, que as mulheres estendiam as fibras na rua ou na frente da igreja do Sagrado Coração de Jesus, e as mulheres que trabalhavam nesta atividade muitas delas eram esposas e filhas de cooperados da Coopjuta como nos relata Rita Cunha Farias (entrevista 2017).

Tinha muito trabalho na época dentro da cooperativa. Muitas mulheres trabalhavam em enxugar juta e para enxuga-la, elas estendida na rua, na praça enfrente a igreja do Sagrado Coração de Jesus que contava com a permissão do padre. Vinha muita juta molhada do interior as mulheres trabalhavam na cooperativa, mas elas eram prestadoras de serviço, às vezes iam mãe e filhas que ganhavam o seu dinheiro através do marido ou pai. (Rita Cunha Farias, 63 anos).

Através da fala de dona Rita Cunha, podemos perceber a lógica patriarcal imposta a estas mulheres que ganhavam através de seu marido ou pai. Demonstrando que estas não possuíam espaço como cooperadas, logo, não há um registro (notas de pagamento, recibos) naquela cooperativa que informe a passagem e o trabalho daquelas na cooperativa dos julticultores.

As mesmas não possuíam uma independência financeira. Pois, o valor do trabalho era aferido ao homem: pai, marido, irmão etc. Conforme Bourdie (2010), a dominação masculina está presente no inconsciente do ser humano, impedindo que o homem enxergue a opressão gerada pela dominação ao sexo oposto, este processo tende a se naturalizar e sendo visto como algo impossível de modificação. Por outro lado Diaz (2013) vai além da dimensão do “inconsciente” e explica que, as estruturas patriarcais fortemente arraigadas, em relação semiótica com a relação capitalista, associam as mulheres somete às tarefas relativas ao âmbito doméstico, promovendo processos de exclusão das mesmas dos lugares de maior poder e prestígio, entre eles a política, a economia, e as religiões. Estas estruturas as associam “naturalmente” ao trabalho de contenção social e não ao trabalho de representação.

Assim, depois do processo de secagem e classificação da fibra, vem à parte masculina do trabalho que era prensar e amarrar em fardos de até 200 kg, após todo este processo a fibra da juta era armazenada nos galpões. O galpão da cooperativa tinha

capacidade de receber três mil tonteadas de juta, facilitando a logística da comercialização dos fardos<sup>6</sup>.



Figura 3: assembleia

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo Cooperativo dos Julticultores de Parintins

Acesso: 17 de julho de 2017

Acima, a imagem mostra uma das reuniões das Assembleias que aconteciam na Coopjuta quando ela estava no ápice da sua atividade. Como pode ser percebida a presença predominantemente masculina. Essas assembleias contavam com a presença dos associados que tinham o poder para tomar decisões relacionadas à empresa. Este período a cooperativa chegou até mais ou menos três mil associados. Como nos relata em sua entrevista o senhor Eneias Albuquerque (2017), “a cooperativa chegou ter até três mil associados com diversas frentes de trabalho uns mexiam com juta outros com gado, milho e outros produtos” a cooperativa não trabalhava apenas com a juta mais com outros produtos regionais, mas tinha a juta como seu principal produto de comercialização.

A assembleia geral acontecia uma vez por ano e, a assembleia extraordinária acontecia conforme a necessidade que a cooperativa tinha de tomar uma decisão com urgência. A convocação dos associados para as assembleias eram feitas através do rádio

---

<sup>6</sup> Entrevista 2017: com Eneias Albuquerque Farias, 73 anos. Em resposta à seguinte pergunta: Como era a estrutura produtiva dentro e fora da cooperativa?

e de ofício com informações necessárias conforma enfatizou o Sr. Eneias Albuquerque Farias. Para explicar esse encadeamento entre cooperativa e sócios, buscamos entendimento em Nascimento (2000), para o qual:

O cooperativismo é um modelo de inserção econômica que coloca o trabalhador na centralidade do processo produtivo. É uma atividade econômica de cunho alternativo criado autonomamente pelos trabalhadores sob os auspícios de uma racionalidade flexível e compatível com os princípios de solidariedade e democracia. Este sistema apresenta-se como um instrumento político e econômico constituído por indivíduos que se associam, com os propósitos claros de estabelecer a cooperação coletiva e solidária, para promover as suas necessidades materiais sem perder de vista a perspectiva de construto humano do ser social. (NASCIMENTO, 2000 p.47)

Conhecendo esses princípios postos por Nascimento, inclusive o de “cooperação coletiva e solidária”, que passamos a entender “o por quê” em uma dessas assembleias aconteceu uma articulação entre os sócios da Coopjuta e o Banco Nacional das Coopjutas (o referido banco Coopjuta existia em todo o país e financiava as cooperativas à época (Enéas Farias), para criar a Associação Cooperativista das Mulheres em Parintins, que passou a funcionar a partir de 1985.). A articulação tinha por objetivo oferecer trabalho somente para mulheres e filhas dos cooperados da Coopjuta, como forma de garantir cooperação coletiva e solidária entre estas, com base nesses princípios do cooperativismo a Cooperativa Feminina é criada para ser um “instrumento de valorização e emancipação” daquelas (conforme veremos adiante). Mas, destacamos aqui, que no decorrer do funcionamento dessa Cooperativa outras mulheres foram incluídas, inclusive mulheres que não possuíam vínculos com as cooperadas e seus familiares, vindo a refletir um espaço solidário e não competitivo.

## **2. O TRABALHO DAS MULHERES NA ASCOOF: NOS RELATOS DAQUELAS**

*“Quanto mais produziam mais ganhavam:”  
(SOUZA, 2017)<sup>7</sup>*

Cooperativas, conforme definição da lei nº 5.764/71(1971), são sociedades de pessoas que se unem voluntariamente com interesses econômicos, com o objetivo de gerar emprego e renda aos seus sócios tendo em comum a ideias de solidariedade. Até a década de 1980, já havia diversas cooperativas de crédito, que se intensificaram a partir

---

<sup>7</sup> Trecho tirado da entrevista realizada no dia 5 de setembro de 2017 de dona Maria da Graça de Lima Souza

da década de 1990, com a abertura econômica do governo Collor e adoção de políticas neoliberais que ocasionaram fechamento de fábricas e aumentou o desemprego, fazendo o número da cooperativa de trabalho aumentar. Para PAGNUSSATT (2004).

Cooperativas de crédito são sociedades de pessoas, constituídas com o objetivo de prestar serviços financeiros aos seus associados, na forma de ajuda mútua, baseada em valores como igualdade, equidade, solidariedade, democracia e responsabilidade social. Além de prestação de serviços comuns, visam diminuir desigualdades sociais, facilitar o acesso aos serviços financeiros, difundir o espírito de cooperação e estimular a união de todos em prol do bem-estar comum. (PAGNUSSATT, 2004. p.13).

Além das cooperativas ganharem mais espaço durante este período, às mulheres também lutavam por seu espaço no mercado de trabalho. E através das lutas e dos movimentos feminista, as mulheres passaram a ter mais visibilidade no meio econômico, a partir do início das décadas de 70, 80 e 90 se intensificou a participação das mulheres na atividade econômica no Brasil (COAN, 2008). No município de Parintins com o advento da juta, estas mulheres começaram a sair dos seus lares e passaram a trabalhar em fábricas ou cooperativa para ajudar na renda familiar.

De acordo com Silva (2004) relação de trabalho não provocou igualdade entre homem e mulher:

Entretanto, é bom salientar que a individualização do trabalho não provocou a igualdade nas relações entre homens e mulheres, e nem a inversão na estrutura de poder. A independência econômica feminina não representou o término das desigualdades entre homens e mulheres porque elas não se resumem à esfera econômica e material. Estão presentes na cultura, nas ideias, nos símbolos, na linguagem, no imaginário; enfim, formam um conjunto de representações sociais que impregnam as relações. (SILVA, 2004, p. 28)

Considerando, o exposto por Silva, a inserção da mulher no mercado de trabalho em Parintins principalmente na Coopjuta mudou aos poucos, as relações estavam impregnadas. Embora elas, as mulheres tenham passado a ter mais visibilidade com a criação da Associação Cooperativa Feminina Coopjuta - ASCOOF, que iniciou suas atividades em 01 de Maio de 1985, desenvolvendo a fabricação e comercialização de artesanato feito das fibras de juta, tendo o seu vínculo atrelado a Cooperativa Mista do Multicultores de Parintins - Coopjuta. Como nos fala Rita Cunha Farias 63anos, entrevista: 2017.

Conversando com a sua diretoria, Enéias que é meu marido e era presidente na época da Coopjuta. Na conversar eles resolveram fazer uma reunião com o setor da Coopjuta e o Banco Nacional das Coopjutas. Nessa reunião eles tiveram a ideia de forma uma associação, da Coopjuta. Então vamos criar a cooperativa das mulheres. Quando foi no ano de 85 nós se reunimos e fundamos a associação, mas ficou só entre a COOPJUTA e algumas mulheres dos associados. A ASCOOF foi funda em 1 de Maio de 85.

Através dessa cooperativa e do cooperativismo dessas mulheres, procurando sua independência financeira, buscando conquistar um lugar além do lar, ocupando espaços de destaque na sociedade desenvolvendo trabalhos sem ter a presença masculina como forma de opressão. “A mulher agregou qualidade e dinamismo às instituições as quais passou a participar especialmente no cooperativismo” (SARTORE; BRITTO, 2004, p.13). Envolvidas nessa dinâmica, o trabalho na cooperativa era baseado no modo de produção que, quanto mais estas mulheres produziam, mas elas ganhavam e isso representava uma motivação para continuarem produzindo. Na concepção daquelas, isso dava uma autonomia financeira às mesmas, sem reconhecerem que, seguiam uma lógica capitalista. Como nos relata dona Maria da Graça de Lima Souza 67anos:

A associação não é aquela que tem uma renda fixa que nós posamos dizer, estou empregada, a nossa renda era por produção, por exemplo, quantos quilos de juta eu tingisse, uma parte ficava do nosso dinheiro fica na associação e outra parte era nossa, com as costureiras era a mesma coisa quanto mais peças ela faziam mais ganhavam e assim por diante. Tudo era assim uma partir ficava na associação e outra a gente recebia (entrevista 2017).

De acordo com Mazzucchelli (1985), o capitalismo se mantém fiel à sua natureza íntima; ou melhor, a cada nova etapa de seu desenvolvimento é repostas de modo amplificado em suas leis, sua tendência de aumentar o grau de concentração e centralização do capital, ampliando a capacidade produtiva engloba novas áreas de valorização expandindo seus domínios para além das fronteiras. Compreendemos que o capitalismo estendeu sua lógica de reprodução por toda esfera de sociabilidade, na ASCOOF não foi diferente.

A placa abaixo marco simbólico de criação da ASCOOF mostra o objetivo da criação da referida cooperativa de mulheres, que foi instituída para gerar renda para as esposas e filhas dos associados da Coopjuta. Podemos verificar na imagem fotográfica os princípios que deveriam nortear as atividades e ações daquela empreitada tão sonhada por parte daquelas. Dentro dessa logica a emancipação e valorização destas mulheres tiveram como financiador a embaixada do Canadá em1985.



Figura 4: placa da Associação Cooperativa Femininas Coopjuta- ASCOOF

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo da dona Rita...

Acesso: 11 de setembro de 2017

Foi por meio do Fundo Canadá para Iniciativas Locais (FCIL), programa que apoia e financia projetos de ONGs e organizações de base locais tais como conselhos comunitários, cooperativas e grupos de mulheres, que a Coopjuta conseguiu fundos para a criação da ASCOOF. O FCIL permite ao Canadá responder às necessidades locais, trabalhando em nível comunitário, tendo como objetivo fortalecer as relações entre o Canadá e a sociedade civil e as comunidades locais, permitindo assim a construção de redes de contatos em diversos países ao redor do mundo. Foi através de um projeto que a Coopjuta fez para o Canadá que a ASCOOF foi beneficiada com um financiamento daquele país.

E através desse financiamento a ASCOOF buscou sua independência mesmo tendo um atrelamento com a Coopjuta, inclusive o prédio onde ela funcionava pertencia a Coopjuta, mesmo assim, a cooperativa buscou sua emancipação formando o seu próprio quadro administrativo com Diretoria Executiva composta por uma Presidente, Vice-presidente, secretária, tesoureira. Ou seja, um corpo administrativo próprio para tomar decisão sem a interferência da Coopjuta em suas relações de produção e

comercialização de seus produtos, tudo isso sob a fiscalização dos membros do Conselho fiscal da mesma<sup>8</sup>.

Compreendemos que esse período demarcou uma possível ascensão dessas mulheres, consolidou uma breve valorização dos papéis femininos. Demonstrou que a proposta de emancipação e valorização dita para a criação da cooperativa teve seus princípios mantidos ao oferecer trabalho somente para mulheres e filhas do cooperado da Coopjuta. Indo além, pois, no decorrer de seu funcionamento outras mulheres foram sendo vinculadas pelas cooperadas, as quais também passaram a trabalhar na cooperativa, tal iniciativa permitiu a inclusão dessas no mercado de trabalho local.



Figura 5: do embaixador do Canadá, presidente da ESCOOF, presidente da COOPJUTA.  
 Fotografia: Autoria e data desconhecidas  
 Fonte: Acervo da dona Rita Cunha Farias  
 Acesso: 11 de setembro de 2017

Esta imagem acima traz a presença do embaixador do Canadá e sua irmã juntamente com a presidente da ESCOOF, Sra. Rita Cunha Farias e o presidente da Coopjuta, Enéias Albuquerque Farias (esposo de dona Rita). Foi através dessa parceria entre a cooperativa e o Canadá que a ASCOOF chegou ao seu auge de desenvolvimento.

A cooperativa funcionava por setores cada mulher tinha sua função específica. Os setores eram divididos por frente de trabalho, umas mulheres trabalhavam na costura,

---

<sup>8</sup> Dona Rita Cunha Farias 63 anos foi a primeira presidenta da Associação Cooperativa feminina Coopjuta, permaneceu no cargo durante sete anos. Em entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta: Como funcionava essa cooperativa?

outras nos tingimento do tecido, no tear e assim por diante. E a cooperativa produzia diversos produtos como: chapéus, sandálias, bolsa, telas, sapateiras, peines e outros<sup>9</sup>.

O tempo em que estas mulheres trabalharam no referido local teve um grande significado em suas vidas e isso aparece nitidamente em suas histórias. Para aquelas, foi o momento em que cada uma desenvolveu seus trabalhos mostrando seu emponderamento perante a sociedade. Esta significância que estas mulheres trazem marcada em suas trajetórias é o orgulho de terem feito um trabalho que foi reconhecido além do município de Parintins, fazendo-as se sentirem valorizadas.

### **3. A SIGNIFICÂNCIA HISTÓRICA E VIVÊNCIAS DAS TRABALHADORAS DA ASCOOF**

Ao longo das décadas, a história das mulheres tem sido de luta por seus direitos, invisibilidades, rupturas. E a criação da ASCOOF foi à capacidade feminina de enfrentar os compromissos sociais e econômicos à frente de uma Associação coletiva, como também, sua capacidade produtiva em meio a um espaço constituído por homens.

A Significância do trabalho destas mulheres na cooperativa vai muito além da satisfação pessoal. Pois, foram as construções pessoais, culturais e políticas que se desenvolveram dentro da ASCOOF que se transformaram num passado que pode ser pensado historicamente. Segundo Schmidt (2010), isto significa dizer que é preciso saber encontrar e selecionar os fatos que são importantes para explicar o presente, organizar os fatos numa perspectiva temporal, mostrando como eles se sucedem, em lugares, e saber questionar e interpretar os documentos que “falam” sobre esses fatos e construir as próprias explicações sobre as relações entre o passado e o presente, a história de outros povos, outras pessoas, e a sua própria história.

Compreender a história feminina e a importância delas na sociedade é um contínuo processo de valorização, desde o passado até os dias atuais. É essencial estarmos conscientes do preconceito, que ainda existe nos dias atuais, mas que é muito menor do que era no passado.

---

<sup>9</sup> Maria da Graça de Lima Souza, 67anos, esposa de um dos associados da Coopjuta, trabalhou na ASCOOF durante 7anos no setor de tingimento das fibras. Em entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta: Como funcionava essa cooperativa?



Figura 6: tear.

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo da Sr.<sup>a</sup> Rita Cunha Farias

11 de setembro de 2017

Na fotografia acima, mostramos um tear que era utilizado na ASCOOF para a fabricação de tecido feito de fio de juta, chamado comumente de tela, que transformavam os fios em tecidos. Foi este que precisava da agilidade e a paciência destas mulheres, por ser um trabalho delicado feito fio a fio até formarem os tecidos que seriam utilizados pelas costureiras para serem transformadas em produto de comercialização.

Para realização dessas atividades a ASCOOF, contava com a Coopjuta para fornecer a sua principal matéria-prima, que era a juta. A cooperativa feminina contava com o fornecimento da Coopjuta de cerca 1500 kg de fibra de juta anualmente para ser transformado em artesanatos variados<sup>10</sup>.

Após esta fibra ser transformada em tecido, os tecidos eram mandados para costureiras que iriam ganhar diversas formas, após esse processo seriam comercializados por toda a região e, em algumas partes do mundo.

---

<sup>10</sup> Rita Cunha Farias, 63anos, entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta. A juta que vocês manipulavam era da Coopjuta?



Figura 7: sala de maquinas de costuras.  
Fotografia: Autoria e data desconhecidas  
Fonte: Acervo da Sr.<sup>a</sup> Rita Cunha Farias  
Acesso: 11 de setembro de 2017

Após a fibra da juta ser trabalhada no tear era a vez das mulheres da costura darem o formato no tecido transformado o tecido em chinelo, chapéu, bolsa e outros. Transformando a matéria prima principal que já havia sido trabalhada no tear em produto acabado pronto para comercialização<sup>11</sup>.

De modo que, estas mulheres realizavam suas atividades com domínio e técnica sobre a matéria-prima utilizada, tornando a produção artesanal sua especialidade, criando ou produzindo diversos tipos de produtos que ganharam o mercado nacional e internacional.

O trabalhador imbuído do ofício artesanal se envolve no trabalho em si mesmo e por si mesmo; as satisfações do trabalho são de ter se uma recompensa; os detalhes do trabalho cotidiano são ligados, no espírito do trabalhador, ao produto final; o trabalhador pode controlar seus atos no trabalho; a habilidade se desenvolve no processo do trabalho; o trabalho está ligado à liberdade de experimentar; finalmente, a família, a comunidade e a política são avaliadas pelos padrões de satisfação interior, coerência e experimentação do trabalho artesanal.  
(MILLS, apud SENNETT, 2012, p.37).

---

<sup>11</sup> Rita Cunha Farias 63anos, entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta: Que tipo de produtos era gerados? E a sua finalidade?

A transformação de matérias-primas em produtos por estas mulheres baseava-se na utilização da criatividade e, habilidade do processo artesanal, pois, o bom acabamento possibilitaria a geração de renda e propiciaria a melhoria da qualidade de vida.

Como vimos nas literaturas utilizadas a mulher sempre foi visto como sinônimo de fragilidade, mas, com o passar do tempo, esta ideia foi se modificando. Nas imagens abaixo, mostramos um dos resultados do trabalho desenvolvido por estas mulheres no período de funcionamento da ASCOOF, mostra a beleza e a delicadeza do trabalho das mesmas a diversidade de produtos produzidos dentro da cooperativa.



Figura8: bonecas.

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo da dona Rita...

Acesso: 11 de setembro de 2017



Figura 9: produto final.

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo da Sr.<sup>a</sup> Rita Cunha Farias

Acesso: 11 de setembro de 2017

Figura10: produto final

fotografia: Autoria e data desconhecida

Fonte: acervo da Sr.<sup>a</sup> Rita Cunha Farias

Acesso: 11 de setembro de 2017



Figura 11. Dos brincantes do boi caprichoso  
Fotografia: Autoria e data desconhecidas  
Fonte: Acervo da Sr.<sup>a</sup> Rita Cunha Farias  
Acesso: 11 de setembro de 2017

Considerando a trajetória e a história narrada pelas senhoras Rita e Graça, compreendemos que, a significância do trabalho destas mulheres foi o instrumento que viabilizou suas emancipações financeiras, mesmo elas não tendo um salário fixo. Porém o trabalho delas significou satisfação pessoal e um sentimento de valorização do mesmo. Trabalho este que, teve no artesanato: na confecção de chinelo, chapéu, bolsa, bonecas, painéis e muitos outros produtos por elas produzidos na cooperativa uma visibilidade destas trabalhadoras mostrando que elas também contribuíram economicamente com o município de Parintins.

Os produtos gerados na cooperativa ASCOOF eram vendidos tanto no Amazonas mas principalmente era enviado para o Canadá que distribuía os produtos para outros países e cada remessa dos produtos que saiam da cooperativa levava o selo da empresa<sup>12</sup>.

As produções anuais dos artesanatos feitos dentro da cooperativa tinham venda local independente da exportação desses, também havia feiras que objetivava trazer novos clientes, com finalidade de aumentar o desenvolvimento socioeconômico da cooperativa. Antes do fechamento da cooperativa, elas já tinham em sua programação a participação da cooperativa em feiras internacionais<sup>13</sup>. Porém, com o fim da produção

---

<sup>12</sup> Rita Cunha Farias 63anos, entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta: Que tipo de produtos era gerado? E a sua finalidade?

<sup>13</sup>Rita Cunha Farias 63anos, entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta: havia vendas dos produtos fora da cooperativa?

da juta em grande escala comercial no municipal de Parintins, a ASCOOF veio à decadência como também a COOPJUTA, que não fechou as portas completamente, mas sofreu grande perda tanto em sua parte estrutural quanto comercial, porém, continua em pleno funcionamento, mas, a ASCOOF não teve a mesma sorte, em 1993 veio a fechar as portas.

Mas, no tempo de atuação a Associação Cooperativa Feminina Coopjuta ASCOOF, gerou para o município além da renda, do subsídio econômico, mostrado através do artesanato, a capacidade artística dessas mulheres de transformar a fibra da juta em produtos que eram vendidos no município, nas regiões vizinhas e para o mundo. De acordo com Lemos (2011):

O incentivo à produção artesanal constitui, portanto, uma forma alternativa de incentivo às economias de base local, assegurando a preservação da cultura local, bem como a geração de emprego e renda para inúmeras famílias, considerando que grande parte dessas pessoas encontra no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem estar de seus familiares. (LEMOS. 2011 p.15)

Ao fechar as portas a ASCOOF fechou consigo a possibilidade de incentivo à produção do artesanato local de forma organizada. É somente mais tarde que ressurgirá no município outras iniciativas dessa natureza. Nesse período o município ficou sem uma forma de trabalho para mulheres com baixa escolaridade.

O fechamento da ASCOOF causou tristeza para estas mulheres que estavam acostumadas a trabalhar para sua subsistência. Conforme depoimento de dona Maria da Graça de Lima Souza 67anos, “Na cooperativa era uma alegria... Tudo já silencia tudo já tristeza...”.

Para Ferreira (2000, p. 111), a memória “é construção do passado pautada por emoções e vivências. É flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente”. E através dessa memória podemos perceber a satisfação que aquelas tinham ao trabalhar na cooperativa.

A fotografia abaixo mostra o quanto foi marcante o tempo em que estas mulheres trabalharam na ASCOOF. Trazendo tais lembranças para os dias de hoje, algumas destas mulheres continuaram esse fazer. Como exemplo, temos o caso do projeto encabeçado por dona Maria da Graça de Lima Souza 67anos de fazer uma cooperativa feminina voltada ao trabalho com artesanato.



Figura 12. Dos brincantes do boi caprichoso

Fotografia: Autoria e data desconhecidas

Fonte: Acervo próprio

Foto tirada: 5 de setembro de 2017

Nesta fotografia está presente à dona Maria da Graça de Lima Souza 67anos com um tear que ela mesma mandou fazer para dar início as suas atividades. E para realizar esta tarefa ela procurou alternativas além da fibra de juta, umas dessas alternativas é trabalhar com fibra de trocos de bananeiras. E com o conhecimento adquirido anteriormente, ensina as novas gerações de mulheres a trabalharem em confecções de produtos oriundos do artesanato aprendido por ela no tempo de trabalhara na ASCOOF. Dessa forma, gera emprego e renda para as mulheres que se interessaram pelo trabalho<sup>14</sup>.

Concluimos dizendo que, a participação das mulheres nestas atividades dentro da ASCOOF mesmo que, o artesanato produzido tenha sido produzido dentro da lógica patriarcal. Por outro lado, enquanto uma atividade exclusiva de mulheres demonstrou que é preciso dar continuidade ao trabalho e despertar em outras tantas alternativas possíveis.

---

<sup>14</sup> Maria da Graça de Lima Souza 67anos, entrevista 2017. Em resposta à seguinte pergunta: E como ira funciona esta cooperativa?

## CONCLUSÃO

Por fim o presente trabalho teve com o objetivo contar um pouco da história da Cooperativa Mista dos Julticultores de Parintins criada em 1974 e a articulação e criação da Associação Cooperativa Feminina Coopjuta e mostrar a introdução do trabalho feminino no município nesse espaço e, a sua contribuição para o desenvolvimento econômico na região nos anos de 1985 a 1993.

Mostramos que ao longo das décadas a história das mulheres foi e é de luta. E a criação da ASCOOF foi à capacidade feminina de enfrentar as dificuldades impostas a elas tanto sociais como econômicas, demonstrando seu potencial em relação aos homens para si mesmos com relação à hierarquização do trabalho.

Deduzimos que, a emancipação e valorização da mulher na cooperativa ASCOOF ressaltou o papel daquelas que exerciam suas atividades com o artesanato de fibra da juta ao longo dos anos de funcionamento do referido local, e a conquista de cada trabalhadora por um espaço além do espaço doméstico.

O trabalho desenvolvido por estas mulheres trouxe a emancipação financeira já que cada uma delas através do suor de seus trabalhos conseguiram sua independência financeira e durante tempo do funcionamento da ASCOOF, que funcionou entre 1985 a 1993. Apesar do curto tempo, ele teve uma significância histórica na vida destas mulheres, pois, deu a estas entendimento e iniciativa de voltaram a trabalhar com artesanato novamente.

Considerando esses aspectos a significância histórica que Associação Cooperativa Feminina Coopjuta-ASCOOF gerou, foi além da renda, embora o subsídio econômico tenha sido a causa que as conduziu até a ASCOOF, por outro lado, a permanência delas até o fim, mostrou à capacidade artística dessas mulheres em transformar a fibra da juta em produtos admiráveis e diversificados que eram vendidos no município, nas regiões vizinhas e para o mundo.

## FONTES PRIMARIAS

ACERVO DIGITAL DE FOTOGRAFIAS DA COOPJUTA E RITA CUNHA ALBUQUERQUE

## FONTES ORAIS

Rita Cunha Farias, 63anos, casada, aposentada, ex-presidente da ASCOOF nos anos de 1985 à 1992, entrevista concedida e realizada no dia 11 de setembro de 2017.

Eneias Albuquerque Farias, 73 anos, casado, aposentado e ex-presidente da COOPJUTA, nos anos de 1985 a 1990, entrevista concedida e realizada no dia 11 de setembro de 2017.

Maria da Graça de Lima Souza, 67anos, viúva, aposentada, ex-sócia da ASCOOF, entrevista concedida e realizada no dia 5 de setembro 2017.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n.º 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Disponível em: <http://www.senado.gov.br>. Acesso em: 06 de set de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A DOMINAÇÃO MASCULINA**. Tradução Maria Helena Kuhner- 7ª Ed- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CHAVES, Fátima Rosário Costa. **A SIGNIFICÂNCIA DE PERSONAGENS HISTÓRICAS NA PERSPECTIVA DE ALUNOS PORTUGUESES E BRASILEIROS**. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - Supervisão Pedagógica em Ensino de História) - Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga, 2006.

COAN, Edivania. **O PROCESSO DE EXPANSÃO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO CATARINENSE**. Florianópolis, 2008.

DIAZ, Martha Susana. **MULHERES PIQUETEIRAS PATAGÔNICAS: CONSTRUINDO HISTÓRIAS DE LUTA POLÍTICA**. REVISTA feminismo 1ª edição Jan.– Abr. 2013.

FERREIRA, Marieta Morais. **HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: desafios**. Cultura Vozes.v. 94, n. 3. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEMONS, Maria Edny Silva. **O ARTESANATO COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E RENDA**. Subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. Universidade Federal do Ceará pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação mestrado profissional em avaliação de políticas públicas. Fortaleza - CE, 2011.

MAZZUCHELLI, F. **A CONTRADIÇÃO EM PROCESSO: o capitalismo e suas crises**. São Paulo : Brasiliense, 1985.

MOYSES, Juliana Mastelini. **IVAIPORÃ: histórias a partir de fotografias e oralidade**. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem 03 a 06 de maio de 2011 - Londrina – PR

NASCIMENTO, Celso Augusto Torres do. **O COOPERATIVISMO POPULAR COM FORMA DE INSERÇÃO ECONÔMICA**. In: Somanlu: Revista de estudo amazônico do programa de pós-graduação em sociedade e cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. Ano1, n1( 200-)- Manaus: Edua/Capes, 2000.

PAGNUSSATT, Alcenor. **GUIA DO COOPERATIVISMO DE CRÉDITO**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto,2004.

SARTORE, Ari José; BRITTO, Neli Suzana. **GÊNERO NA EDUCAÇÃO: espaço para diversidade**. Florianópolis: Genus, 2004.

SENNETT, Richard. **O ARTÍFICE**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **PORQUE APRENDER A LER E A ESCREVER HISTÓRIA: reflexões em torno de uma teoria da aprendizagem histórica**. Curitiba, UFPR, 2010.

SILVA ,Sandra Helena da. **MULHERES CULTIVADORAS DE JUTA E MALVA NA REGIÃO DOBAIXO AMAZONAS**. Fazendo Gênero 10 Desafios Atuais dos Feminismos, 2013.

SILVA, Márcia Alves da. **ABORDAGEM SOBRE GÊNERO E TRABALHO ARTESANAL EM HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. **DE COLONA A BOIA-FRIA**. In:História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.

SOARES, Geisiane Tavares. **SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL: Um estudo de caso na cooperativa de fibras vegetais, malva e juta, de Manacapuru no Amazonas**. 2015

Torres, Iraildes Caldas. **AS NOVAS AMAZONIDAS-** Manaus: editora da universidade do Amazonas, 2005.

\_\_\_\_\_. Iraildes Caldas. Reflexões sobre trabalho leve e pesado das mulheres da Amazônia. In: TORRES, Iraildes Caldas. et al (Org) **O ETHOS DAS MULHERES DA FLORESTA. MANAUS**. Manaus. Editora Valer, 2012.